

**ELISÉE RECLUS: GEOGRAFIA DO SER ANARQUISTA NA EXPRESSÃO  
DA RELAÇÃO ENTRE HABITAR E PAISAGEM**

ELISÉE RECLUS: GEOGRAPHY OF AN ANARCHIST BEING IN THE EXPRESSION OF THE  
RELATIONSHIP BETWEEN DWELLING AND LANDSCAPE

**Priscila Marchiori Dal Gallo**

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mestrado em Geografia pela  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de  
Campinas (Unicamp)

Professora na rede privada de São Paulo  
priscilamgallo@yahoo.com.br

## Resumo

Em sua obra geográfica, Elisée Reclus destaca a importância de incorporar conceitos como liberdade, equidade, espontaneidade e beleza à discussão geográfica. Ele busca uma compreensão mais ampla das relações humanas e da interação entre o homem e a natureza, situando o anarquismo não apenas em seus fundamentos sociais, que oferecem uma visão única sobre a organização dos sujeitos humanos, mas também como uma abordagem para compreender a geografia. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de examinar a existência humana em suas conexões complexas e profundas. O trabalho do geógrafo, ao abordar as diversas maneiras de habitar a terra através das ricas culturas, reafirma a geografia como uma prática inerente a todos os seres. Esta prática é caracterizada pelo encontro de várias contingências, e o ato de habitar é entendido como um processo de expressão, refletido em paisagens que podem estar mais ou menos alinhadas com um sentido harmonioso e holístico da existência humana. Dessa forma, quando as sociedades alcançam a pacificação de conflitos por meio da justiça e da democracia, as expressões estéticas da paisagem refletem uma elevação do espírito humano em conformidade com os acordos tácitos da natureza, elevando assim a relação entre o homem e a natureza a um nível ontológico: uma descrição da realidade concebida não apenas como mera matéria, mas como uma substância ativa com ampla possibilidade em direção à consciência.

**Palavras-chave:** anarquismo; paisagem; habitar, ecologia

## Abstract

In his work on geography, Elisée Reclus emphasizes the necessity of incorporating concepts such as freedom, equity, spontaneity, and beauty into geographical discussions. He seeks to understand human relations and the interaction between humanity and nature, situating anarchism not only within its social context but also providing a distinct perspective on the organization of human subjects. Anarchism, therefore, offers a unique approach to understanding geography, viewing human existence within its intricate and profound connections. The geographer, through historical and geographical analysis, explores the various ways in which people inhabit the Earth, as demonstrated by diverse cultures, affirming geography as an existential endeavor. This dynamic and creative engagement with different circumstances highlights dwelling as a form of self-displacement, expressed through landscapes that convey a harmonious and holistic sense of existence. Consequently, in societies where conflicts are resolved through justice and genuine democracy, the aesthetic significance of the landscape reflects an elevation of the relationship between man and nature to an ontological level: a description of reality conceived not merely as mere matter, but as an active substance with broad potentiality towards consciousness.

**Key words:** anarchism; landscape; dwelling, ecology

## 1. Introdução

No presente texto realizamos um duplo movimento, qual seja, a partir de uma proposta fenomenológica, discutir a relação homem e natureza fora da proposta teórico e metodológica do objeto, ou seja, reposicionar a geografia como ciência radicada na fenomenologia, isto é, numa postura desconstrutiva dos objetos a qual se orientar para chegar ao que se dá em si mesmo, mas “Não há uma orientação metodológica de como acercar-se ao objeto, mas uma orientação para deixar o acontecimento ocorrer” (SEIBT, 2012, p. 83) e assim ocupar a ciência da facticidade. O ver teórico que objetifica dá lugar a compreensão e a ciência torna-se o campo de acesso ao acontecimento-apropriação porque respaldada pela experiência daquilo que vai se realizando, que vai acontecendo. De outro modo, a ciência é campo onde o fenômeno repousa, é um campo de abertura do fenômeno na vitalidade de sua realização e desta dita, o fenômeno não é mais objetividade. Nesse movimento, nossa proposta encontra amplo eco no pensamento do geógrafo Elisée Reclus cuja obra pode ser entendida como um compreender hermenêutico da geografia, ou seja, o geográfico é antes a totalidade de como se realiza a possibilidade da existência do homem

e em grande medida E. Reclus concebe a ciência geográfica como retorno ao campo do pré-teórico onde a abertura do homem como ser-no-mundo é o modo fundamental de compreensão da relação homem e natureza.

Ao adentrar o pensamento de E. Reclus, em função de nossa discussão e proposta, realizamos uma análise vertical de sua concepção da geografia a fim de perscrutar sua origem, ou onde o geógrafo irá radicar sua origem. Nesse movimento a geografia de E. Reclus mostra como seu fundamento, o lugar de onde brota e onde finca suas raízes a própria vida, o mundo-vital, verticalizando o âmbito teórico da geografia a um sentido de totalidade, que nos termos da fenomenologia, poderíamos chamar de uma busca por realizar uma ciência originária da vida fática, ou uma hermenêutica da facticidade da geografia enquanto fenômeno relacional entre sociedade e natureza. O surpreendente nesse movimento foi perceber uma questão fundamental à geografia de E. Reclus, segundo ele o anarquismo é traduzido como único campo de realização das potencialidades humanas em sua faceta mais potente e criativa, contudo, a liberdade encontrada nesse campo nunca será verdadeira enquanto houver servidão de qualquer forma imposta a qualquer ser, esse pressuposto implica uma necessária reconciliação entre homem e natureza e, por consequência, exige uma sensibilidade ecológica do humano.

O mais interessante é que o autor relega essa reconciliação à uma disposição de superação da mera igualdade formal nas sociedades por uma igualdade genuína e afirma que apenas sociedades com um elevado sentido de unidade interna, reforçado por uma perspectiva igualitária, tem a sensibilidade de estabelecer uma relação com a natureza livre de sistemas culturais de obediência e comando nos termos uma apropriação violenta daquilo que por direito é livre, porque segundo E. Reclus, a hierarquia não é apenas uma condição política, acima de tudo, trata-se do estado de consciência, uma sensibilidade para com os fenômenos em todos os níveis da experiência social. Em sociedade onde as diferenças entre indivíduos não são premissas para estabelecer hierarquias, o homem pode ter um senso holístico de sua existência para com seus iguais e para com tudo que existe porque o sentido de sua existência é marcado por um senso de "unidade de diferenças" ou "unidade de diversidade". A sua perspectiva é distintamente ecológica, e dessa perspectiva pode derivar valores que implicam na relação entre humanos e das sociedades no mundo da vida. E. Reclus reconheceu a síntese dessa correspondência no seu profundo, cuidadoso e amplo estudo do desenvolvimento das relações sociais e, principalmente, da regionalização das culturas, entendendo-a enraizada na história carregada de contrastes econômicos e exploração econômica de humanos e natureza.

Desse modo, o duplo movimento reforçou e concentrou o ponto de discussão da relação homem-natureza num necessário reposicionamento da ciência nas coisas do mundo a partir de uma hermenêutica da realização da existência humana, sendo a sua abertura dada a partir do fio condutor interno ao pensamento de E. Reclus que dispõe a geografia como expressão imediata da

organização histórica das sociedades, segundo o qual sociedades verdadeiramente livres e baseada em princípios anárquicos/ecológicos estão em diálogo genuíno com o princípio descentralizado da existência. Se a própria noção de dominação da natureza pelo homem decorre da dominação muito real do ser humano pelo ser humano, o anarquismo tem poder de mediar a relação da humanidade com a natureza para um alto grau de harmonia e modos de vida baseado em formas comunais, seu caminho indica a impossibilidade de eliminar da interpretação do ser humano a radical facticidade da existência que significa a radical imersão no domínio da comunidade.

O geógrafo francês Elisée Reclus tem um papel pioneiro na construção de uma geografia sensível que interconecta tanto os aspectos sociais como os aspectos ecológicos, mais do que uma preocupação ambiental, seu pensamento destaca, em várias ocasiões, a preocupação com o sentido ecológico do habitar humano na Terra, ou seja, o geógrafo deseja traçar em seus trabalhos o curso da história humana explorando a unidade entre o desenvolvimento da diversidade de culturas em diferentes épocas situando-as numa grande história e a heterogeneidade ecossistêmica do planeta. Sua maior crença está na possibilidade de despertar a autoconsciência dos humanos à sua própria condição de ser terrestre, ou melhor, o ser geográfico no processo de desenvolvimento histórico. E. Reclus se dedica seus escritos ao esforço da humanidade descobrir seu significado como ser histórico e geográfico em conjunto e associação ao conhecimento dos processos de autorrealização da Terra num laço estreito entre humano e natureza.

Sua longa obra dedicou com grande afincamento a descoberta da humanidade acerca de existência geográfica com uma forte esperança de cultivar um agir humano responsável para com a comunidade humana e para com a comunidade terrestre esclarecendo que o desenvolvimento de ambas: sociedade e natureza, trata-se de um só acontecimento e, portanto, nunca podem ser opostos entre si, mas sempre numa conciliação que busca por uma visão mais abrangente e holística da história social e terrestre criar uma narrativa que incorpore a natureza como o fundamento aberto e criativo de toda humanidade sendo a relação humano e natureza uma autorrealização libertadora de suas potencialidades. A construção de seu pensamento histórico-geográfico expressa seu posicionamento a respeito das constantes desigualdades e injustiças e seu profundo desejo pela igualdade e liberdade, sua obra expôs como emergencial a superação de uma humanidade cindida em suas relações sócias e em sua relação com a natureza.

E. Reclus porque entendeu a importância de um equilíbrio da relação homem-natureza, firmado principalmente em uma evolução civilizacional que estivesse inscrita numa concepção integral e globalizante da liberdade e da ação para a emancipação social e ecológica, frisa os humanos como parte uníssona da natureza, as sociedades na sua complexidade, existem num sistema dialético com todo fenômeno natural o que significa que compreender a humanidade e suas diversas facetas de manifestação exige uma compreensão ampla e simultânea de todas as

interconexões e interpenetrações dos seus fatores determinantes presentes na relação humano e natureza. Assim, a humanidade sempre envolve o entendimento e o reconhecimento da integridade e da especificidade do outro, de uma alteridade, seja essa cultural ou natural, sendo ambos uma presença ativa e íntima na constituição da humanidade. Toda forma de alteridade traz modos de cooperação capazes de responder ao desequilíbrio social e ecológico, pois ser em liberdade com o outro defronta a tentativa de impor uma ordem estática à existência de ambos.

Nesse sentido, E. Reclus realiza em sua obra uma profunda incursão no pensamento anarquista, o qual desmistifica a organização social e natural segundo as bases da hegemonia e da hierarquia e elabora o conceito de transformação social não pela disputa sociopolítica de alguma classe ou grupo social, surpreendentemente, o geógrafo discute a relação sociedade-natureza à luz do anarquismo onde sustenta que a realização existencial é um princípio libertário com uma forte dimensão comunitária, no anarquismo tal caráter comunitário traz a esperança de relações sociais baseada na livre associação, a qual sintetiza harmonia social com diversidade social.

A espontaneidade encontrada nas formas de relação social e ecológica do anarquismo desloca a história natural e a história humana do cerco da racionalidade científica estruturante da civilização ocidental de modo que E. Reclus antecipa críticas a dominação humana da natureza a qual, na atualidade, aparece nos conceitos de crise social e crise ecológica mediante sua visão da história, cujas dimensões comum e coletiva, respaldam a construção de uma ética engajada na responsabilidade para com a existência de todos os seres, assim, o anarquismo remodela as relações a partir de um pressuposto: o direito a existir (CLARK; MARTIN, 2013).

E. Reclus sofre forte influência do contexto da Europa do século XIX, movido pelos acontecimentos que se desenrolaram no continente, seja pela perspectiva histórica e social, ou seja pela perspectiva científica, a sociedade europeia é perpassada por conflitos de diferentes ordens que trouxeram consigo problemáticas nascentes, especialmente, no que diz respeito a reestruturação da sociedade em suas formas de autoridade, direito e poder onde a ciência e o fortalecimento do capitalismo conduziram as relações sociais e ecológicas a partir da ideia de progresso.

Como mostra Quintero (2016), as viagens de E. Reclus tiveram ampla repercussão em sua percepção das relações sociais e a ideia de progresso, pois em sua compreensão das expressões geográficas, que uniam cultura e natureza, foi capaz de observar uma terrível oposição entre a ação humana sobre a natureza, denominada como progresso civilizatório, e o usufruto social dessa ação, bem como, a tensão crescente da sustentabilidade de certos modos de produção que visionavam a natureza como recursos naturais ou condições materiais de sua reprodução. Diante uma inegável precariedade social e natural E. Reclus expande seu horizonte de percepção acerca da relação entre o homem e a natureza, o geógrafo compreende a necessidade de estabelecer outra perspectiva geográfica que dê a experiência concreta e existencial do geógrafo uma premissa anarquista capaz de viabilizar uma concepção do espaço geográfico a partir de um questionamento

acerca das possibilidades da transformação terrestre calcada em desigualdades sociais e ecológicas; o ponto é enfatizar o pensamento de E. Reclus como uma inflexão na geografia para uma compreensão da harmonia da relação homem e natureza como horizonte realizável do existir humano.

Perante tal cenário, E. Reclus dedica-se a realizar uma obra que não se resume a descrições e explicações dos fenômenos geográficos, o geógrafo explora a ciência geográfica como a possibilidade mesma de compreender as formas expressas como o humano está entrelaçado as forças íntimas à Natureza, as paisagens e a cultura, e as formas ontológicas de emergência do homem de seu âmbito natural, aquilo que Dardel (2011) denominou geograficidade ou a dimensão geográfica do ser humano. Reconduzir a geografia a essas questões significou, como apresenta Quintero (2016), falar da existência de uma organização anarquista do espaço geográfico, E. Reclus encaminha seu pensamento pela confluência dos eixos científico, social, ético e natural centrados num ideal libertário. A definição de sua geografia via a necessidade de entender a violência dos processos civilizatórios perante os homens e a natureza, colocando o problema da geografia imerso na relação entre forças étnico-culturais e forças telúricas, ambas magnitudes que evidenciaram uma estrutura integrada e holística de percepção da relação homem-homem e homem-natureza.

Sua obra articula as distintas formações ecossistêmicas e a pluralidade de etnias e culturas, isso confere uma expansão de horizonte para refletir não apenas a respeito das singularidades geográficas, mas, também sobre a constituição de outras facetas da humanidade em acordo com as percepções acerca da natureza ou meio ambiente, isto é, a luta ou comunhão da existência, pois está espelhado nas relações humanas, mediante uma disposição social de equidade e igualdade, uma maior confraternidade com o meio natural. E. Reclus apresenta em sua obra uma problemática ampla, associando a percepções acerca da configuração histórica da humanidade com certos entendimentos a respeito do homem que fomentaram problema étnicos e culturais vistos em formas de colonização e desenvolvimento, bem como, no trato com a natureza onde está refletido o maior ou menor entendimento da condição ecológica humana.

Tal problemática se expressa nas formas paisagísticas, se, como afirma Dardel (2011, p. 31), a paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante refratária de toda redução a utilização racional do espaço, ela coloca em questão a totalidade do ser humano e suas ligações existências com a Terra: lugar, base e meio de sua realização. A pluralidade da configuração geográfica terrestre implica na forma como a racionalização da natureza e do homem foi exercida pela sociedade, a geografia de E. Reclus exprimi a maneira do homem se encontrar com ele mesmo, de organizar e atuar como sujeito ou sociedade e como tal maneira se traduz em paisagens de dominância ou harmonia, expressa por um sentido estético ou utilitário, resultantes de disposições à servidão ou à liberdade.

Com efeito, sua obra compõe um trabalho de entendimento amplo das relações socioculturais, mas, sobretudo, de desvelar o lugar do humano na plena existência da natureza de modo que desmascara as distorções de um papel menor no entendimento histórico-geográfico do meio natural e compromete-se com um projeto ético, que depende de uma prática social transformada, de longo alcance que implique a existência na totalidade numa visão holística da relação sociedade e natureza. E. Reclus conduz seu pensamento geográfico reconhecendo aspectos estéticos, poéticos e até espirituais da relação homem-natureza, sua racionalidade se opôs ao pensamento ocidental nos termos da aposta racional de extração e uso desmensurado da natureza que não tem consciência da atividade complexa e mutua da existência e da vida, essa aposta que se converte numa organização socioeconômica e sociopolítica em desacordo com o meio levando a desequilíbrios sociais e naturais.

E. Reclus, buscava uma ciência geográfica cuja preocupação estava no caráter social e cultural da geografia, trazendo-a como uma dimensão essencial ao conhecimento da humanidade e, nesse sentido, pouco insistiu na sua concepção formal, isto é, em estabelecer limites ao conhecimento geográfico, como expõe Andrade (1985, p. 21), “a geografia era uma única ciência, e a natureza e o homem, por ela estudados, formavam um conjunto harmônico em que o meio natural exercia influência sobre o homem, provocando a sua ação, modificando-o, transformando-o e conduzindo-o à produção do espaço”. O espaço geográfico é, assim, um testemunho da inserção do homem no mundo, manifestação de seu ser-com em sua base social e ecológica, de modo que emerge de sua paisagem a expressão de uma presença humana e como este realiza sua existência e nos leva a profundidade e caráter da relação homem-natureza.

Para E. Reclus, era possível observar a presença ou ausência de regimes de dominação social e natural, em sua concepção espaços bem erigidos, representativos do progresso humano, poderiam ser atravessados por um conjunto de interesses sociais marcados pela desigualdade, o que impõe obstáculos a um habitar harmônico base para emergência de um estado de liberdade no nível existencial onde os homens e a natureza podem *ser*. Como expõe Quintero (2016), o estado ótimo de liberdade é toda espacialidade onde a vida concreta e objetiva do homem não se determina em oposição a natureza, bem como, não ocorre como expressão de acordos sociais unilaterais. A geografia de E. Reclus é trabalhada a partir do caráter infinitamente complexo dos arranjos socioculturais e socioambientais, uma vez que compreende o humano como um ser solicitado por milhares de afetos e forças diversas que hora se unem e hora opõe-se umas às outras compondo uma rede intrincada ao conjunto de influências sociais e naturais que atravessam sua existência. O espaço geográfico está sob um estado ininterrupto de modificação por novas aquisições em suas dimensões cultural, psicológica, física e espiritual, todas entremeadas de perenidades mais ou menos persistentes no processo histórico de constituição da humanidade.

Para E. Reclus o humano é um valor nascido pela criatividade mais do que pelo enfrentamento à natureza, sua inteligência forma e reforma a humanidade como efeito o ser humano gera transformações do pensamento político, social e científico os quais engendram posturas mais ou menos abertas à complexidade dos fenômenos da natureza. Nesse sentido, a cultura não se trata de uma luta ou combate contra a natureza, caso contrário, seu sentido se vincula a uma conquista violenta, estando em oposição a inteligência, o humano se expressa como valor quando se alia em favor das potencialidades da natureza, nesse sentido, ser humano significa alcançar o aperfeiçoamento de uma formação social ensejada na liberdade e em um sentido relacional da existência.

O enorme esforço de E. Reclus de compor o sentido de ser humano a partir da vastidão de formas de organização de comunidades, nações, fronteiras e domínios e suas diversas manifestações geográficas se torna ainda mais complexo quando enfatiza uma especial atenção a relação entre humano e natureza como ponto de reflexão para o entrelaçamento entre o sujeito e a sociedade. As relações sociais, segundo o seu pensamento, envolvem a dimensão de um crescimento individual, sem nunca prescindir, de conhecer as influências externas, mas não alheias, que entrecruzaram o ser humano em seus detalhamentos internos e modelaram sua subjetividade de modo tal que quão maior for o desejo de ampliar a compreensão do humano quão maior a tarefa de compreender seu enlaçamento com a natureza.

A separação natureza-cultura significa a rejeição de uma concepção holística, pois está calcada na artificialidade da construção, oposições e contrastantes na articulação homem-natureza, E. Reclus desde o fundamento de sua geografia, aspira situar a humanidade num contexto maior, como expõe Clark e Martin (2013), sua visão geográfica nasce da crença que a humanidade emerge da natureza e não fora dela, isto é, oposta e paralela numa divisão do mundo natural e social, pelo contrário, a humanidade é uma dimensão criativa da natureza e, portanto, nunca poderá encontrar-se fora de sua esfera existindo independentemente.

O esforço de E. Reclus, desde uma perspectiva do anarquismo, é conceber a relação homem-natureza como a relação entre o meio e a aptidão de seus habitantes, razão de ser das instituições primordiais do povo e das suas transformações sucessivas, isto é, apoia a prática social na pergunta acerca do lugar do humano na intrincada rede de interconexões e interações que constituem a natureza. Sendo assim, é imprescindível ao geógrafo explorar a interação dialética da natureza e do progresso social cuja implicação é o compromisso do sujeito com a aspiração do ser livre, tão almejada pelo e no anarquismo. A consciência de integração social e ecológica, segundo o geógrafo, significa o exercício de existir em liberdade, reconhecendo a liberdade somente quando o outro também for livre. Nesse sentido, a geografia de E. Reclus, é a escrita eloquente da expressão da criatividade humana em parentesco com todo o sistema da terra, onde a íntima relação com a natureza ocorre na livre presença do ser a partir de um ideal mais elevado de ser

humano e de seu lugar na natureza centrado na potência criativa da natureza, aquilo que o geógrafo chama de 'harmonia secreta' entre a natureza e os humanos.

A natureza para E. Reclus é antes de tudo o belo. Ele defende que a humanidade cultive o livre pensamento, a sensibilidade estética e o apreço pelo belo e destaca que a geografia se realiza ao desenvolver um profundo respeito, uma consciência ampliada da natureza. Para E. Reclus, a natureza expressa-se como um espírito de comum-idade; como ritmo e beleza que se entrelaça em harmonia; como uma solidariedade profunda. Ele propõe que a plena compreensão da espontaneidade solidária da natureza elucidaria à humanidade um profundo respeito pelas formas livres de associação. Isso recolocaria a relação do si com o outro, do humano com o natural sem que a natureza tivesse negada sua outridade. Isto é, deixar de colocar a natureza em perspectiva, sem fragmentá-la para então buscar um ferramental para totalizá-la desde um ponto de vista mecanicista e antropocêntrico.

O pensamento geográfico de E. Reclus se organiza num plano de consciência crítica onde o anarquismo não se define como corrente política, mas se aprofunda para uma forma de interpretação mais precisa das relações sociais e da relação homem-natureza, ou seja, o anarquismo tem um valor ontológico e enfatiza a reflexividade do ser humano na possibilidade de um habitar transformador onde a igualdade e a justiça devem estar na origem das suas ações e das relações a fim de que sua capacidade de produzir e modificar a realidade seja centrada na liberdade de *ser*. Pela intimidade no seu pensamento entre as disposições culturais e sociais e os traços e impressões da atividade humana que pesa sobre a natureza, ou como a humanidade reformula a fisionomia terrestre, as questões sociais e as questões ambientais se acercam estreitamente a ponto de dizermos sobre a necessidade de pensar uma ecologia social, pois como se fundamenta as relações sociais se espelha em formas de dominação ou comunhão com a natureza

Nesse sentido, o pensamento anárquico e ecológico, presente na geografia de E. Reclus dá um impulso radical a possibilidade de construção de uma sociedade ecológica, pensar a relação homem-natureza sem repensar as bases da sociedade é nada menos que uma solução parcial, pois esconde o caráter profundo da crise ecológica. A geografia de E. Reclus abre um horizonte de compreensão adequado a profundidade do alcance das mudanças necessárias porque advoga por uma prática radical de organização social, única forma proporcional à magnitude da crise ecológica enraizada na história das relações sociais, das instituições sociais, das tecnologias e sensibilidades em mudança, e das estruturas políticas. O pensamento geográfico anárquico seguiu a realidade da experiência geográfica de E. Reclus que pautou a historicidade e a geograficidade da humanidade e a complexidade ecossistêmica, apontando os problemas existenciais na perpetuação de formas dicotômicas de relação com a natureza e a dominação no campo das relações sociais.

## 2. O pensamento anarquista de Elisée Reclus e suas implicações na Geografia

Em primeiro lugar é fundamental dizer que o anarquismo, nos moldes concebidos por E. Reclus, não se trata de uma concepção simplesmente oposta a hierarquia e as diversas formas manifestas de poder, este, portanto, não argumenta em favor do anarquismo pela negação de seus traços econômicos e políticos, ao contrário, busca ser propositivo sobre as possibilidades de arranjo da geografia pelo entendimento anárquico da complexa associação entre as diferentes dimensões do humano, sua subjetividade e sua facticidade, configurando sua existência a partir dos valores da autodiligência e da solidariedade comunitária. O desenvolvimento subjetivo calvado na espontaneidade e autodisciplina, onde não haja oposição ou concepções antagônicas do ser humano, pois sua humanidade é rebento de um profundo envolvimento e conexão base das relações sociais e o anarquismo entra nessa discussão como proposta de relações de igualdade, fraternidade e liberdade a partir da reorganização da humanidade ao longo de linhas mais cooperativas.

A perspectiva anarquista permeia o pensamento de E. Reclus e questiona a postura científica de sua época, sua argumentação não tinha o sentido de estabelecer qualquer forma de pensamento hegemônico ou paradigmático, especialmente ao que concerne a natureza, mas incidia no projeto moderno de definir e marcar um conjunto de leis universais com o único propósito de reduzir a natureza a condição de um ente analisável o que significa simplificar a natureza sob o regimento de uma racionalidade mecanicista e utilitarista, “we are in a age of science and method [...] all will be regulated as in a factory” (RECLUS, 2013a, p. 117)<sup>1</sup>.

Tal racionalismo, na visão do geógrafo, acumulava um sentido de violação, dominação e interferência no livre ser do outro, e, portanto, deveria ser contraposto pelo entendimento da realidade pelas vias de uma relação de organicidade que diverge da hierarquia e da autoridade porque está imbuída de uma forte autonomia e autorrealização. A hierarquia trata de relações onde prevalece superioridade e dominação, o pensamento de E. Reclus, questiona essa forma de conceber a natureza, como expõe Cirqueira (2016), a produção intelectual do geógrafo é marcada por efervescentes quebras paradigmáticas nos campos: científico, político e social, pois seu pensamento geográfico foi sendo formado por influências de Humboldt (1855) e Ritter (1838) e suas perspectivas holística e a noção sistêmica de natureza que afirmam as interações sistêmicas entre fenômenos físicos e humanos, sobre análise da paisagem opostas ao caráter fragmentário da ciência moderna.

---

<sup>1</sup> Em 1873, Reclus escreveu o artigo intitulado *Quelques mots sur la propriété* para o *L'Almanach du peuple*, mais tarde ele expandiu seu escrito na forma de panfleto sob o título de *A mon frère le paysan*

Nesse sentido, o anarquismo geográfico de E. Reclus tece uma metodologia comparativa da geografia empreendida pelos grupos humanos e a fundamentação hierárquica das relações humanas no sentido de alertar a correspondência entre um forte desequilíbrio e tensão social e a degradação da natureza, o geógrafo argumenta que a atitude predatória e exploratória da natureza reflete a competitividade instaurada no cerne das sociedades humanas enraizadas na atitude mercantil e burocrática cujo respaldo técnico científico sustenta um sistema produtivo onde as escalas e intensidades das ações humanas são desproporcionais a resiliência dos sistemas terrestre ao ponto de causar uma ruptura ecológica. Os desastres naturais recendem as ordens de desigualdade engendrada por um sistema exploratório onde a instabilidade do mundo social humano encaminha, perigosamente, a perturbação de sistemas naturais complexos pela necessidade de centralizar numa maneira coletiva, mas não comum, a arquitetura social com pouca margem para a complexidade humana ou natural.

Por exemplo, a agricultura moderna prioriza as culturas que permitam um alto grau de mecanização a fim de aumentar a produtividade e a eficiência, maximizar os investimentos, como resultado, a sementeira e a colheita devem ser tratadas em escala maciça, geralmente com total desconsideração da ecologia natural. A agricultura tratou na modernidade de cultivar monoculturas, isto é, um ambiente simplificado e inorgânico que prioriza a simplificação a ponto de regredir a biosfera em um estágio capaz de suportar apenas formas mais simples de vida comprometendo as condições ambientais a biodiversidade, E. Reclus defende em total oposição um trato com a terra mais ecológico que permitisse cultivar os campos como se fosse um jardim trazendo toda a beleza das paisagens na riqueza de sua flora diversificada e cuidadosamente cuidada, equilibrada e descentralizada onde o desenvolvimento do agricultor e da agricultura é um só processo, que o cultivo possa se valer da evolução orgânica aprimorada por séculos na natureza dando origem a ecossistemas complexos e sutilmente organizados que constituem diferenças locais importantes.

Se a geografia estuda a relação entre sociedade e natureza, E. Reclus coloca em evidência intensos debates e embates a partir do anarquismo, pois a organização social deve significar a garantia da liberdade humana numa relação equitativa entre humanos e dos humanos com a natureza, como expõe Cirqueira (2016), sabendo que todos os elementos constitutivos do universo são lições sistêmicas experimentais da existência é importante argumentar sobre a interdependência e a complementaridade da vida e sua fragilidade cósmica frente a imensidão do universo, destacando que, essa expressa um evento prodigioso para os humanos, por isso, estes devem saber qualitativamente pensar e ocupar aquilo que lhes sustem. Por isso E. Reclus defende uma geografia alicerçada num tempo histórico, quase utópico, da solidariedade, da liberdade, no apoio mútuo e no amor defronte a seus exemplos contrários de relações pautadas pela ignorância, competição, violência, guerra, dominação e escravidão.

Nesse sentido, pensar sobre os modos de habitar a natureza traz um processo profundo de transformação no modo de organização da sociedade porque toda atitude de liberdade, fraternidade e igualdade esbarra na ausência do sentimento de unidade entre os povos, de unidade cósmica, planeta e de unidade dos seres vivos. Como efeito, prevalece uma ordem social onde os interesses e burocracias mercantis determinam a conjunção do tecido social carregado de injustiça social e formas de acumulação exploratórias da natureza (CLARK, 1997). À geografia cabe evidenciar na leitura do espaço geográfico a possibilidade de uma espacialidade harmoniosa onde os aspectos da natureza são valorizados por meio de uma visão dialética da relação entre homem e natureza, via uma análise holística dos fenômenos e um compromisso com a não-dominação. A humanidade floresce não pelas vias do confronto, travando uma cisão com o natural e um embate permanente para subjugar-la, mas pelo respeito a alteridade que impeça formas flagrantes de espoliação da natureza, aceitas com complacência quando o humano se julga superior perante o natural.

A geografia de E. Reclus busca o esclarecimento da simbiótica entre homem e natureza, como afirma Cirqueira (2016), a consciência de si como ser-com reflete na edificação de uma sociedade livre, somente possível através do entendimento dos mecanismos de funcionamento dessa relação simbiótica, está posta numa perspectiva socioambiental reluz a forma sistêmica da existência, a natureza é una e indivisível. Enquanto complementaridade toda existência está em harmonia e liberdade, a emergência de todo ser é rizomático porque depende de sua conjugação com o meio, de modo que o anarquismo na geografia de E. Reclus expressa uma existência em rede e desponta uma sensibilidade ecológica profunda e sistemática que unifica o progresso civilizatório da espécie humana com o equilíbrio ecossistêmico.

E. Reclus (2013b)<sup>2</sup> faz apontamentos sobre a relação homem e natureza enfatizando como uma ruptura na harmonia primitiva existente nos ecossistemas demonstra um equívoco acerca do progresso humano, o geógrafo aponta como uma fisionomia geográfica corresponde a uma ordem ontológica humana. Ou seja, como o modo de existência humano tem um sentido topológico e um sentido moral, as feições da paisagem de um habitar humano é um gesto de sua existência e atesta se suas sensações são refinadas, o seu pensamento é mais agudo e profundo, e a sua humanidade abrange um constante acolhimento de suas raízes terrestres. Ou se avança, de modo exploratório, com perturbações ecológicas profundas, comprometendo a biodiversidade e, assim, perdendo a proximidade com as linguagens dos elementos, a simplicidade de vida e o relacionamento harmonioso com a terra e todos os seres que nela habitam.

E. Reclus (2013c)<sup>3</sup> enfatiza um ambiente favorável ao fortalecimento de uma consciência da natureza como a morada do homem, há uma destinação ética do agir humano que deve aquiescer

---

<sup>2</sup> *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes*, publicado na revista *La Revue des Deux Mondes* n. 63, p. 352–81, maio/junho, 1866

<sup>3</sup> Texto publicado com ensaio sob o nome de *La grande famille* na *Le Magazine international* na data de January 1897

a natureza como berço de sua existência, o geógrafo concebe a geografia como uma necessária associação em termos fraternos com a natureza, distantes de uma natureza que tememos esquecermos o significado de uma geografia mítica onde a tradição coloca o primeiro homem num belo jardim onde passeava livremente com todos os animais, e que fazem nascer o “Filho do Homem” num leito de palha, entre o burro e o boi, a geografia é, assim, um poder e a origem de toda a possibilidade da existência orgânica e psíquica do homem. A natureza é viva e vivificante, é o tónus de um habitar sacralizado pelo parentesco do homem a tudo que o cerca, onde os elementos são presença e substancia que situam a vida interior e elevam o espírito.

E. Reclus contesta uma prerrogativa científica hierárquica firmada no e pelo antropocentrismo que destrói nosso senso de parentesco e funda sua geografia num homem substancial qualificado por suas relações ecológicas, situando-as no contexto do progresso e da civilização a partir de valores como a cooperação, a solidariedade, a liberdade e o amor, a ser desenvolvido pelos indivíduos e os povos em escala universal. Sua disposição anárquica funda a geografia no sentido complexo de *cosmos* onde o humano existe em aderência total e absoluta as ordens de tempos longínquos e traz a necessidade de repensar fundamentalmente a postura ética e moral da sociedade humana, como aponta no seguinte trecho

A emoção que se tem ao contemplar todas as paisagens do planeta na sua variedade sem fim e na harmonia que lhes dá a ação das forças étnicas, sempre em movimento, essa própria suavidade das coisas, nós as sentimos ao ver a procissão de homens sob suas vestes de opulência ou de infortúnio, mas todos igualmente em estado de vibração harmônica com a Terra, que os carrega e os sustenta, o céu que os ilumina e os associa às energias do *cosmo* (RECLUS, 1985a, p. 39)<sup>4</sup>

De tal modo, o ponto crítico é pensar um projeto humano, uma geograficidade portadora de um sentido diverso da atuação socioeconômico vigente em prol de uma igualdade dos direitos ao uso da terra, da água, do ar sem que a propriedade possa se sobrelevar ao valor da vida comum e a apropriação da terra não seja a forma de relação com a natureza, isto é, que nenhum homem seja senhor de seus semelhantes pela usura ou qualquer outro meio constituído como propriedade, o que diz que nada é exclusivo de seu proveito e que formas de espoliação não seja a condição nas relações sociais produzindo desequilíbrios em seu convívio com o próximo. Segundo Clark (1997), a visão de E. Reclus acerca do desenvolvimento moral humano aprofunda a distinção entre uma ética dada por princípios morais abstratos e uma ética do cuidado, Reclus, portanto, se concentra fortemente na importância do desenvolvimento do sentimento moral, da compaixão e da prática de amor e solidariedade na vida cotidiana com base numa indignação radical à ordem dominante injusta e opressora por que hierárquica.

---

<sup>4</sup> Prefácio *L’homme est la nature prenant conscience d’elle-même* da obra *L’Homme et la Terre* publicado em 1905

A perspectiva anarquista de E. Reclus busca questionar as contradições criadas pelo excesso de centralização do poder guiado por um valor técnico científico, que assume diferentes formas ao longo dos tempos, mas que se constituiu como competência hegemônica na modernidade e oferece resistência às críticas e à reflexão acerca do regimento da técnica no avanço inexorável de ações humanas responsáveis por transformações na natureza pela brutalidade ou pela planificação de sua riqueza como expõe no seguinte trecho

Since nature is so often desecrated by speculators precisely because of its beauty, it is not surprising that farmers and industrialists, in their own exploitative endeavors, fail to consider whether they contribute to defacing the land. Certainly the “sturdy plowman” cares very little for the charm of the countryside and the harmony of the landscape, so long as the soil produces abundant harvests. Walking around the thickets at random with his ax, he cuts down trees that are in his way and shamefully mutilates others, giving them the appearance of posts or brooms. Vast regions which formerly were beautiful to behold and enjoyable to travel through are completely spoiled (RECLUS, 2013b, p.109)

A geografia de E. Reclus impõe uma questão de maior importância a respeito do sentido das ações humanas operantes no desenvolvimento da sociedade: a feição do habitar humano é a da simplificação da natureza? O habitar humano é marcado de uma linguagem vulgar de posse? A paisagem cultural moderna é a demarcação de um sentido de habitar em crise? Isto é, os contrastes harmoniosos que ensejam a beleza, abundância e exuberância da natureza são apagados ou degradados, ou então a paisagem é um horizonte que se abre como a dimensão geográfica do ser em amplo entendimento de sua coexistência profunda com a natureza, trazendo-a em seu esplendor e beleza; paisagem onde o espírito se afeiçoa a ordem cósmica natural e, como efeito, a paisagem é reconciliação entre visível e invisível e presta um exemplo admirável do habitar a terra por uma alma humana sensível aos acordes íntimos que ligam o homem a natureza, “those who exploit the soil know how to make it produce the highest yields while at the same time respecting the charm of the landscape, or even adding artfully to its beauty” (RECLUS, 2013b, p.109).

Para E. Reclus romper com as justificativas ideológicas dos males calcados na autoridade, contestadas com as revoluções do iluminismo e francesa, trouxeram novas perspectivas sociais, as quais expuseram os contraditórios elementos da civilização e do progresso. Nesse sentido, o pensamento geográfico de E. Reclus concebe a realização plena das capacidades e potencialidades humanas a partir da autorrealização dos seres humanos, mas coloca como condição um movimento dialético e colaborativo entre natureza e sociedade humana, a cultura tem grave papel em sua abordagem, pois antes de dispor dos imensos recursos da ciência a cultura sedia todo conhecimento empírico humano

pela drenagem ele faz desaparecer as águas perniciosas que resfriariam a terra e podrecerían as raízes das plantas; pela irrigação ele traz, quando quer, a água necessária para o desenvolvimento da seiva e dos tecidos; pelos adubos ele enriquece o solo e alimenta a planta; por melhoramentos ele muda a própria

e junto ao trabalho, durante a infância das sociedades, a cultura foi a luta contra obstáculos numerosos, os humanos que viviam temerosos da natureza selvagens compreendia sua própria vida como uma luta ininterrupta porque sentia a ameaça da fome, ainda não se permitiam utilizar as forças da natureza em conciliação com suas atividades, a cultura foi a grande força de acomodação ao meio a partir do desenvolvimento de sua inteligência alcançaram sua liberdade ao compreender melhor a natureza e suas forças de modo que o mundo exterior pode ser cultivado e gradativamente transformado.

Para E. Reclus, será precisamente aquela sociedade capaz de manejar os bens da natureza com maior destreza conseguirá alcançar maiores proventos, pois:

when reckless societies allow themselves to meddle with that which creates the beauty of their domain, they always end up regretting it. In places where the land has been defaced, where all poetry has disappeared from the countryside, the imagination is extinguished, the mind becomes impoverished, and routine and servility seize the soul, inclining it toward torpor and death (RECLUS, 2013b, p.110).

Para E. Reclus a geografia tem o caráter inalienável da anarquia, pois em seu sentido mais autêntico a geografia é a experiência da morfologia terrestre em busca por sua eloquência o que equivale à descoberta da nossa identidade profunda com a natureza, a multiplicidade de formas reserva uma continuidade tácita onde todos somos frutos de uma rama ecológica de amplitude cosmológica, quando perdemos essa verdade ontológica começa a disposição hierárquica que rompe a reciprocidade nas relações humana numa perigosa flexibilização da ética causa da agressão e aspereza contra semelhantes (sua própria gente, sua família) e se estende ao trato com a terra e os demais seres porque envolve uma perda do senso do comum com o meio circundante. Estado, propriedade e divisão de classes, suporte de civilizações e impérios foram, segundo E. Reclus, em seu sentido hierárquico, a derrocada do bem-estar e sustentabilidade de sociedades

They cut down forests, caused springs to dry up and rivers to overflow, damaged environments, and encircled cities with foul-smelling marshes. Then, when nature thus desecrated turned hostile toward them, they came to hate it, and, unlike the savage, who could immerse himself in the life of the forest, they increasingly allowed themselves to succumb to the stupefying despotism of priests and kings (RECLUS, 2013b, p.110)

Segundo E. Reclus, a concepção de progresso e civilização restringiu-se a uma modificação de grande impacto da natureza guiada, apenas, pelas necessidades imediatas (industrialização, urbanização e a agricultura de grande produtividade), frequentemente, as ações humanas se

<sup>5</sup> Tradução de *Réaction de l'homme sur la nature* presente na obra *La Terre* publicado em 1881

desarmonizam com a natureza, “El arroyo que yo he visto salir á la luz, tan limpio y alegre en el manantial, no es ahora más que una alcantarilla, en la que toda una ciudad arroja sus desechos” (RECLUS, 2019, p. 69)<sup>6</sup>, o geógrafo coloca o forte contraste entre a condição pulsante, potente do rio em seu estado natural com a deterioração, enfraquecimento quando em uso descuidado dos humanos

En un intervalo de algunos kilómetros el contraste es grande. Allá arriba, en el libre monte, el agua centellea al sol y transparente, á pesar de la profundidad, deja ver las blancas piedras, la arena y las hierbas estremecidas de su lecho; murmura dulcemente entre las cañas; los peces surcan la corriente, rápidos, como flechas de plata, y los pájaros hacen temblar la superficie al choque de sus alas [...] ¡Cuán diferente es el arroyo bajo las ciudades! El agua es igual en substancia, pero sólo para el químico. En realidad, aparece cargada de tantas inmundicias, que hasta es viscosa [...] La vida parece ausente (RECLUS, 2019, p. 70).

A geografia, pelos seus veios anárquicos, nos fala da experiência de habitar a terra desde uma ecologia profunda onde uma intensa intuição do mundo natural nos mostra a eterna presença do ser que segue seu percurso entre todas as coisas, o ser onipresente da manifestação do *ser* expresso na ordem do *cosmos*; o geógrafo descobre continuamente maravilhas inesperadas em todos os lugares e desse encontro nasce uma inteligência sensível e profunda que vê ao seu redor riquezas, uma abundância de forças que celebram a vida, em contrapartida, aqueles que voltam suas ações, sua mente ao pragmatismo e a exploração são espíritos desafortunados que vivem como exilados em sua própria terra, cegos mesmo nos ambientes mais encantadores, sofrem a dor constante do desamparo.

E. Reclus amplia o pensamento geográfico a uma reflexão ontológica onde se enlaça a gênese social à realidade geográfica numa perspectiva existencial na qual o habitar é uma eclosão da e na natureza, o anarquismo vem verticalizar e alargar a geografia a uma camada de desvelamento do habitar em sua emergência rizomática onde a incursão da ação humana na matéria terrestre dá-se em total enlace a um ser onipresente berço da realização das estruturas terrestres, de uma geografia primária que dá a espessura e interioridade da cultura expressa como feição paisagem. A geografia de E. Reclus restitui a solidez e a profundidade da feição do habitar, um ponto sensível da existência onde as possibilidades do telúrico abre a fecundidade de expressões da relação homem-natureza como memória e patrimônio de uma articulação harmônica entre a vida interna e externa dos homens ou de um cruzamento e embate do projeto humano com sua facticidade.

O anarquismo ressalta uma condição profunda do homem, entrelaça sua biografia com a geografia onde a feição da paisagem pode ser experimentada como acordo sublime entre homem e natureza, o espírito deve se desembaraçar de prejuízos dicotômicos e hierárquicos aprendendo

<sup>6</sup> Tradução da obra *Histoire d'un ruisseau* publicado em 1869

a ver a natureza como circunstância, mas, sobretudo, como condição de sua liberdade. Quando descoberta a língua antiga e profunda da geografia, a paisagem ressoa e evoca um habitar que soube compreender essa língua original, como horizonte de existência onde o homem se sabe fundamentado; um habitar onde o geográfico é uma dimensão de sentido do *ser*, leva o espírito a profundidade da duração da relação homem-natureza. A paisagem é realização da existência, objetividade que reflete o reposicionamento humano ao seu comprometimento com o poder, a paisagem é a expressão de uma passagem cara a E. Reclus: o homem é a natureza ganhando consciência de si.

As reflexões de E. Reclus (1995a, 1985c) acerca do habitar humano anuncia o pertencimento do homem à terra como indivíduo e como sociedade destacando que desde sua origem o homem tem como berço o solo que sustenta seu construir e cultivar de modo que a geografia molda em muitos fatores sua organização; sem nenhum determinismo, o geógrafo afirma a configuração geográfica como circunstância ao desenvolvimento da humanidade, se as ações do homem mudaram a fisionomia terrestre a intimidade da ordem social para com a natureza de cada povo expressa um habitar de degradação onde a explora violentamente sem compensação a natureza com efeito de devastar a terra que lhe servia de lar, tornando-a inabitável ou um habitar através da cultura e do tratamento consciente de sua condição terrestre, um habitar com veio ecológico onde as necessidades humanas não se sobreponham aos interesses de todos e os da natureza, onde o homem ajuda a terra e em vez de ser brutal e totalmente contra ela, suas ações trabalham suas propriedades e aprende a dar à paisagem mais encanto, graça e majestade.

A desestruturação de qualquer forma de autoridade, de qualquer hierarquia se dá no rompimento das posições profundamente desiguais atribuídas a existentes profundamente comuns. O anarquismo transforma as verticalidades em horizontalidades na relação: um estado livre do *ser* onde sentidos de instrumentalização perder lugar para um viver ativo da relação sociedade-natureza, a geografia de E. Reclus faz a leitura da relação sociedade-natureza pela proposição do anarquismo a medida que esse se opõe a qualquer disposição em estabelecer qualquer ordem de prioridade entre sociedade e natureza a partir de graus sucessivos de subordinação porque significara travar uma luta constante com aquilo que é livre, incondicionado, indeterminado, é medir forças com o puro estado do devir. O homem, diante de tal empreitada, torna sua brutalidade cada vez mais aguda e como efeito é antagônico a natureza num esforço de aprofundar-se, verticalizar-se de tal maneira que consiga penetrar a potência criativa, desequilibrando a própria sustentação da existência.

“Como seres débiles, intentamos medir la naturaleza con nuestra propia talla; cada uno de sus fenómenos se resume para nosotros en un pequeño número de impresiones que hemos sentido” (RECLUS, 2019, p. 3), existe no pensamento de E. Reclus uma urgência no que tange aos problemas crescentes e detectáveis na desvalorização das cenas campestres, das nascentes, dos

grandes vales, o geógrafo enfatiza a preocupação estética como fator da sustentabilidade das ações humanas, essas devem sempre ter como contexto uma ideia de futuro comum. Na perspectiva de E. Reclus, o progresso vem apenas da liberdade, a qual ao longo da história humana dá-se pelo direito de autodeterminação de todos os humanos, quando esses emancipam-se das agências de poder e assumem-se como sujeitos cada vez mais ativos em sua história, mais consciente de sua ação.

E. Reclus defende a abrangência do anarquismo de modo que este suplante os círculos político e ideológico, alcançando ramificações nos diferentes âmbitos da vida. Toda sua crítica à hierarquia, embora atente às instituições sociais, aprofunda-se quando trata das relações humanas em sua intimidade. Como ele afirma em seu texto “Advice to my anarchist comrade” o anarquismo se intensifica quando se decide por tornar “one’s whole life an education for others” (RECLUS, 2013d, p.234)<sup>7</sup> ganhando profundidade e extensão no espírito de maneira que esse torne-se uma prática do indivíduo não apenas para derrubar ou desconstruir as estruturas de poder, o anarquismo constitui-se como um grande esforço em romper tudo aquilo que pode distinguir os homens entre si e o homem da natureza e por efeito hierarquizar suas relações.

Numa definição social, E. Reclus defende o anarquismo como uma deliberação coletiva acerca do sentido das relações sociais e ecológicas, frisando o comum e o solidário como bases de realização do sujeito humano, nesse sentido, associa a existência particular ao coletivo-comum e interpreta o habitar humano na interseção inseparável com a realização coletiva de um bem comum com as demais formas de existência. Esse habitar expressa maior coerência e consistência para com a complexidade da existência da vida, o habitar humano, respeitando seu veio ecológico, não pode ser contraditório ao meio que lhe retém, embora seja um traço humano traçar novas morfologias na paisagem terrestre a simplificação ecossistêmica não deve ser uma patente de seu agir, o excesso de sucesso nas transformações e conseqüente descaracterização dos sistemas naturais causa desequilíbrio ou degradação adverso a sustentabilidade, em primeiro lugar da vida, e conseqüente, do mundo humano.

Os ecossistemas em seu vigor favoreceram a eficiência e a produtividade, a diversidade de formas de existência potencializam a captura e transformação de energia e materiais, produzindo, entre outras coisas, alimentos, combustíveis, fibras e medicamentos tão essenciais aos humanos, e mantêm a reciclagem dos resíduos, criam água potável, conduzem ciclos biogeoquímicos globais que criaram e mantêm uma atmosfera propícia a vida, em outras palavras, permitem que a Terra seja habitável. Seja por essa facticidade do ambiente que nos entrelaça a natureza, ou seja pela suave influência do ambiente, que apura os sentimentos diante de tudo o que a terra tem para oferecer em graça e beleza no farfalhar das folhas, no canto dos pássaros e no murmúrio das fontes

---

<sup>7</sup> Publicado na *Il Pensiero* na data de Junho de 1907, na *Réveil de Genève* na data de Janeiro de 1911 e no volume 3 de *Correspondance*, p. 238–40

e o homem se contenta em amar a natureza por si mesma, o pensamento de E. Reclus chama a geografia e o geógrafo para um movimento mais profundo que endosse equidade da existência pelo seu valor intrínseco e rejeita a diferença ontológica entre homem e natureza, do ponto de vista de E. Reclus, o conhecimento crescente da natureza permite um escopo mais amplo de identificação e solidariedade com essa e, finalmente, permite uma consciência de pertencimento e vinculação com todo o *ser*:

As old Adam was first moulded from clay, as the first Egyptians were born from silt, so are we all children of the Earth. It is from her that we extract our materials; it is she who supports us with her nourishing juices and provides the air for our lungs; from a material point of view she gives us "life, movement and being". Whatever our relative freedom, won by our intelligence and our own will, we remain, nonetheless, products of the planet attached to her surface as imperceptible animalcules we are carried along in her movements and are subject to all her laws (RECLUS, 1995a p. 5)<sup>8</sup>

A percepção de E. Reclus sobre uma relação harmônica, pactual e mutuamente potente com a natureza onde a natureza vicejar ainda mais a sua beleza e sua capacidade criativa e o humano se desenvolve em sua totalidade e eleva sua consciência coloca qualquer disposição a opressão ou dominação na relação homem-natureza como indicio da barbárie, a humanidade ainda não saiu da sua barbárie primitiva se em suas ações não há lugar para temperar as energias e criar junto a terra beleza e harmonia nas paisagens, numa perspectiva hierárquica as atividades humanas têm, infelizmente, resultados fatais no empobrecimento do solo, na degradação da natureza e na deterioração do clima afetando a geografia no seu conjunto. A terra em sua geografia precede e sustenta o habitar humano, a violação dessa facticidade pela ignorância ou pela ganância, corroeram a concepção de uma relação homem-natureza em colaboração.

O sentimento onírico perante a natureza, nascido nos gregos, assombreado por uma vontade de poder entrega a natureza a uma fustigante relação de usurpação e espoliação, E. Reclus (2019) compreende no renascer do amor à natureza, uma inteligência pulsante, aberta as sutilizas que desvelam toda sua potencialidade vital, toda virtude e um habitar cujo agir se orienta pelos imperativos de realização do bem comum, numa práxis humana que deixa transparecer, numa feição geográfica graciosa, a sensação que lhe invade nas fontes límpidas, nos campos largos, nas imensas montanhas, neles lhe sorriem a vida, sempre fresca, se a humanidade reconhecesse o valor do delicado equilíbrio natural na sua relação com a natureza atravessaria gerações e a natureza preservaria seu encantamento e resplendor.

---

<sup>8</sup> Tradução do original *L'Homme et la nature. De l'action humaine sur la geographie physique, Revue des Deux Mondes*, v. 54, dez. de 1864

Por isso, uma crítica aguda nasce no pensamento de E. Reclus (1995b)<sup>9</sup> sobre o avanço na disponibilização das técnicas de transformação da natureza, as quais quebram a harmonia primitiva da geografia, as ações do homem em diferentes graus e intensidades, desde mudanças locais até terrestres. A técnica numa ação unilateral com a natureza traz como consequência uma perda irreparável porque a natureza precisa de centenas e milhares de anos para fornecer as condições necessárias ao estabelecimento de ecossistemas, a humanidade impaciente para desfrutar e indiferente ao destino das gerações futuras age impulsionada pela incapacidade de olhar a natureza em um sentido cooperativo, isso e dificulta sobremaneira a proposição de alternativas,

the people who are today the avant-garde of humanity have, in general, very little preoccupation with beautifying nature. More industrialists than artists, they prefer power to beauty. What man wants today is to adapt the earth to his own needs, to own it completely in order to exploit its vast richness (RECLUS, 1995a, p. 12)

É evidente que as pessoas, tanto atores como testemunhas das grandes transformações da geografia terrestre, quando se deixaram levar pela faceta ferozmente individualista do habitar humano, ou seja, a civilização ao dividir o mundo em tantos Estados inimigos, em tantas propriedades privadas, segregou de maneira intensa o destino dos povos e pregou desigualdades entre sujeitos. Contrária a uma ordem tácita da existência onde o ser desabrocha livremente nas formas mais variadas em comunhão. E. Reclus em suas reflexões a respeito da verdadeira exuberância nos sentimentos de amor que ligam os homens à natureza destaca a beleza da geografia dos recantos da terra, a geografia em seus mais diversos aspectos revela toda a magnificência da natureza e concebe como inseparável o equilíbrio e a harmonia das fisionomias criadas pela ação humana e a emancipação do espírito humano, o geógrafo atribui ao estudo da natureza e a contemplação dos seus fenômenos uma parte essencial da sua formação do contrário seus espíritos se empobrecem, a rotina e o servilismo tomam conta da alma e colocam-na no caminho do torpor, "For fear of ethical and intellectual impoverishment, one feels that the vulgarity of many disfigured and mediocre things which narrow minded spirits see as evidence of modern civilization, needs, at all costs, to be counterbalanced by the great scenes of the earth" (RECLUS, 1995b, p. 33).

Conhece os tempos da natureza os homens que deixaram nascer em sua imaginação as grandes metamorfoses e os grandes ciclos que se efetuam num trabalho interior de criação da natureza, conhece os tempos da natureza aqueles que permitiram um lento trabalho de seus espíritos no entendimento das transições graduais e os súbitos milagres ensejados pela natureza,

---

<sup>9</sup> Tradução de *Du Sentiment de la nature dans les sociétés modernes* publicado na *Revue des Deux Mondes*, v. 63 na data de Maio de 1866.

conhece a natureza aqueles que estão abertos a sua linguagem e que voltam essa mesma a construção de uma poética, como E. Reclus que anuncia o riacho como

el sitio hermoso y apacible donde hemos visto correr el agua cristalina bajo la sombra de los álamos, balancearse sus hierbas largas como serpentinas y temblar agitados los juncos de sus islitas? La orilla florida donde gozábamos acostándonos al sol, soñando en la libertad, el sendero tortuoso que bordea el margen y que nosotros seguimos con paso lento contemplando el curso del agua, la arista de la piedra desde la cual el agua unida en apretado haz se precipita en cascada ó se deshace en espuma; he ahí lo que en nuestro recuerdo es el arroyo, casi con toda su infinita y compleja naturaleza, puesto que lo restante se pierde en las obscuridades de lo inconcebible (RECLUS, 2019, p.3).

Essa passagem revela o vasto potencial da experiência e da observação da natureza para despertar e desenvolver o espírito humano, permitindo-lhe expandir sua compreensão para além do simples pragmatismo, vislumbrando possibilidades de uma construção ética, que perpassa a economia e a política, que rompa a ação compulsória das sociedades que adotaram como seu epicentro o sistema produtivo de capitalização desmensurada que dá ensejo a desequilíbrios socioeconômicos e socioambientais.

Se o conhecimento técnico científico libera para o agir humano um potencial de forças capaz de alterar inteiramente a natureza contém o perigo de um poder cumulativo de destruição, contra esse tipo de ação unilateral e em favor de uma atitude mais cooperativa para com a natureza o geógrafo argumenta em favor das transformações humanas no sentido de tornar a terra em um agradabilíssimo jardim onde toda a potência da vida possa vicejar rompendo com a tensão entre humano e natureza, estabelecendo uma relação dialética onde a ação humana não signifique intrusão, invasão ou domesticação quebrando a liberdade das diversas formas de existência partindo de uma postura autenticamente holística e ecológica de modo a revolucionar o campo semântico e dos conceitos e princípios que fundam os domínios da práxis e da ética humana

The lover of nature must have a feeling of delicate consideration if he is to be able to touch the earth without destroying its grace or, likewise, to be able to give it a greater harmony of contours and colours. And, moreover, that is the way mankind must behave if societies are to advance in civilisation naturally and in such a way that their progress is not acquired at the expense of the land that is their home (RECLUS, 1995b, p. 26).

A geografia de E. Reclus traz um sentido coletivo ao agir humano porque articula uma postura epistemológica crucial: o modo pelo qual o homem realiza seu habitar traz a possibilidade essencial de seu destino pois sua existência permanece profundamente terrestre, assim, se a compulsão civilizatória abriga uma automatização social, política e cultural e subsiste em função da repetição inexorável, é preciso retornar ao campo do espontâneo, do diverso, do coletivo para produzir um revés numa situação que encaminha a humanidade ao abismo e a uma falsa falta de opções e prioridades.

Restituir um senso cosmológico, como expõe E. Reclus (2019) em “El Arroyo”, é possível, com a sensibilidade despertada e com um senso estético polido, a natureza se manifesta em sua infinita potência e criação em todo elemento da paisagem. A partir da história de um pequeno riacho o geógrafo afirma estar desvelando a história do infinito, uma história cosmológica, em suas infindáveis formas e transformações o riacho atravessa estados da matéria, interage com diferentes elementos físicos, transpõe dimensões espaciais e temporais, recebe energia cósmica e terrena e constitui o tecido da vida de inúmeros organismos

Todos los agentes de la atmósfera y el espacio y todas las fuerzas cósmicas, han trabajado en concierto para modificar incesantemente el aspecto y la posición de la imperceptible gota; á su vez, ella misma es un mundo como los astros enormes que dan vueltas por los cielos, y su órbita se desenvuelve de cielo en cielo eternamente y sin reposo (RECLUS, 2019, p. 3)

El agua que entra en tan grandes proporciones en todos los organismos, plantas y animales [...] hincha de savia multitudes sin fin de árboles y hierbas, y sirve así indirectamente á la alimentación del hombre por tubérculos, matas, hojas, frutos y simientes (RECLUS, 2019, p. 57)

o riacho nesses trechos está expresso como agente de renovação, o grande ciclo das águas que o envolve revelada a história de toda a vida, símbolo da imortalidade da natureza. As águas que mudam sem cessar, que encarna órgãos de nutrição ou respiração entra no turbilhão da vida em correntes circulatórias de seiva, sangue ou outros líquidos, viaja atravessando os organismos até, na morte, retornam ao mundo externo a percorrer todas as regiões da terra e atmosfera, sempre em uma jornada infinita, após uma breve passagem pelo organismo. Tal corrente, mutante a cada momento, expressa a vida, renovada a cada minuto e, se pensamos que somos sempre iguais, é por causa de uma ilusão e desejo da ciência.

O ponto central, constituinte do pensamento de E. Reclus, é o cultivo do espaço de liberdade que visa repropor a relação seja ela entre humanos ou entre humanidade e natureza de forma ativa, como ato ou como ação sempre pautada em uma radicalidade ética que visiona a equidade, isto é, que a relação esteja fundada no valor intrínseco de toda existência em todas as suas formas de manifestação, cultivar o espaço de liberdade é cultivar a livre criatividade, a espontaneidade entendendo-a como uma cooperação. Todo cerceamento da liberdade e da equidade resulta no estreitamento da potencialidade humana.

Por isso, E. Reclus (1995c) afirma que nenhum ser é insular, cada ser é circundado por uma geografia cujo conjunto de influências traçam modos de habitar, ainda que o home possa atuar de forma magnânima sobre esta geografia empregando sua inteligência inovadora, a mesma é decisiva as ações humanas que moldaram entre mil caminhos a forma de habitar de um povo ou sociedade. A força do movimento das ações humanas não exime o homem das causas antigas de sua existência, ainda que atenuadas o homem nunca esquece sua genealogia: a natureza. Decomposta

em elemento inumeráveis a natureza é vista como meio dinâmico sob a marcha da ação humana, contudo é imprescindível saber sobre as forças preponderantes sobre o percurso histórico civilizatório e tal saber se complica quando uma luta é travada contra a natureza, pois emprega-se a luta como uma sobreposição da vontade as forças naturais.

Entender o habitar humano está mais relacionado a saber acomodar-se a natureza, aliar-se a suas energias a fim de realizar uma obra humana verdadeira no entrecruzamento entre homem e natureza. Se é essencial saber sobre a ação detalhada dos elementos naturais a fim de estudar sua influência essencial nos sistemas morfológicos, é urgente saber sua influência concomitante e seus efeitos complexos que solicitam o homem, isso coloca a facticidade da existência no centro da discussão e reestrutura a relação homem–natureza numa relação expressiva do habitar na paisagem, esta que pode ser compreendida como um corpo relacional ecológico.

### 3. Considerações finais

A geografia de E. Reclus coloca a relação sociedade e natureza nos termos do anarquismo porque desafia as tentativas de cercear a diversidade, a criatividade e a beleza a partir de um pensamento técnico, mercantil e burocrático onde a uniformidade é a forma prevalente de compreensão do mundo, o uniforme exige a abnegação das particularidades por de um coletivo que não se caracteriza pelos valores do comum ou da igualdade porque está erigido em privilégios e monopólios. A exemplo, disputas de poder podem movimentar uma ação bélica, como ocorreu em Hiroshima e Nagasaki, ou ocasionar acidentes ambientais, como em Chernobyl, os quais não tem efeitos traumáticos apenas à humanidade, mas certamente as diversas formas de vida por ocasionar décadas de degradação afetando não apenas aqueles que sofreram seus efeitos no presente, mas também o comprometimento da sobrevivência de gerações futuras.

E. Reclus reconhece que a humanidade se enriquece e encontra equilíbrio na diversidade, como na natureza em seus diferentes e exuberantes contrastes paisagísticos e regionais, por isso se opõe sobremaneira a urgência com que a humanidade tem marchado sobre a Terra, “Is it then necessary that man, in his seizure of it, has to proceed systematically to exploit each newly conquered domain” (RECLUS, 1995b, p. 32) e reforça a necessidade aprendemos a apreciar a integridade da terra, para podermos cooperar com ela na conquista de vários bens, em vez de procurar impor nossa vontade sobre ela. Partindo de um senso holístico e uma sensibilidade ecológica, ambos germinados na equidade de toda a existência, o anárquico da geografia de E. Reclus tem um sentido social,

We must search fiercely for the truth, discover our own personal duty, learn to know ourselves, engage continually in our own education, and act in ways that respect the rights and interests of our comrades. Only then can one become a truly moral being and awaken to a feeling of responsibility. Morality is not a command to which one submits, a word that one repeats, something purely external to the

individual. It must become a part of one's being, the very product of one's life (RECLUS, 2013e, p.124)<sup>10</sup>

mas também ecológico por onde o geógrafo propõe ao humano descentralizar-se a fim de criar uma ética de respeito eivada na radicação da relação horizontal de comum-unidade onde cada qual “has the same right to its integral development, without interference from any power that supervises, reprimands or castigates it” (RECLUS, 2013e, p. 123).

A concepção anarquista adentra o pensamento geográfico de E. Reclus como proposta de um habitar humano orientado pelas relações de alteridade nas quais a diversidade tenha lugar para prosperar, o anarquismo defende intensificar a possibilidade da diversidade-na-unidade e a unidade-na-diversidade como direito ao desenvolvimento pleno do *ser*. A geografia de E. Reclus não se furta ao *ser* solicitada como horizonte de conhecimento construído pela existência, a ciência geográfica é, então, a experiência de ampliar-se na ordem profunda e ancestral da natureza, reconhecendo-se como uma expressão criativa da natureza. Como resultado dessa compreensão, a maneira como os seres humanos habitam o mundo reflete uma abertura para estar em proximidade, fundamentada em uma compreensão plena do humano, o qual, para E. Reclus, compreende um sujeito que envolva o outro como elemento fundante de seu existir. O anarquismo permite pensar a geografia sem impor a condição de objeto aos elementos que se apresentam, abre a geografia a um pensar acerca da geograficidade e a consolida como uma ontologia.

Na perspectiva de E. Reclus, o anarquismo, reinterpretado, é um estado dialético entre sociedade e natureza, onde a noção de igualdade ganha uma conotação mais abrangente e mais profunda capaz de equacionar a existência humana em novos termos, isto é, em relações vitais democráticas porque o estado espontâneo de organização – que dá sentido à anarquia – se adere ao caráter mais fluido e descentralizado da existência, nos termos do direito e da justiça desconstrói as desigualdades de toda ordem no berço da sociedade, em termos ecológicos associa o habitar humano a práticas que libertem e potencializem a manifestação do *ser*. A geografia eivada do anarquismo afirma a retroalimentação entre a concepção de uma sociedade anárquica e uma relação criativa com a natureza, tal geografia se imprime como contexto complexo e dinâmico onde a aquiescência humana da dignidade de todo homem e do valor incondicional da natureza se faz presente nos processos de efetivação da existência, onde todo *ser* pode produzir-se como algo novo com a possibilidade de potencializar a vida

---

<sup>10</sup> Publicado como *L'Anarchie* na revista *Les Temps nouveaux*, v. 18, maio/junho, 1895

## Referências

- ANDRADE, M. C. de. Atualidade do pensamento de Elisée Reclus In: ANDRADE, Manuel C. (Org.) **Elisée Reclus**, vol 49 da coleção grandes cientistas clássicos. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CIRQUEIRA, J. V. Elisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista, **Terra Brasilis** (Nova Série) n. 7, p. 112-146, Dez., 2016,. Disponível em: <http://terrabilis.revues.org/1787>
- CLARK, J. P. The dialectical Social Geography of Elisée Reclus. In: LIGHT, Andrew e SMITH, Jonatham (Ed.) **Philosophy and Geography I: Space, Place and Environmental Ethics**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 1997. p. 117-142.
- CLARK, J. P. e MARTIN, C. **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press, 2013.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- QUINTERO, L. M. C. La organización anarquista del espacio, **Terra Brasilis**, n. 7, p. 291-335, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabilis/1802>.
- RECLUS, E. (1985) O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria In: ANDRADE, Manuel C. (Org.) **Elisée Reclus**, vol 49 da coleção grandes cientistas clássicos. São Paulo: Editora Ática: 38-40
- RECLUS, E. (1985) A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza In: ANDRADE, Manuel C. (Org.) **Elisée Reclus**, vol 49 da coleção grandes cientistas clássicos. São Paulo: Editora Ática: 41-55
- RECLUS, E. (1985) A complexidade da produção do espaço geográfico In: ANDRADE, Manuel C. (Org.) **Elisée Reclus**, vol 49 da coleção grandes cientistas clássicos. São Paulo: Editora Ática: 56-60
- RECLUS, E. (1995) The Impact of Human Activity on Physical Geography In: RECLUS, Elisée, **Man & Nature**. Petersham, Australia: Jura Books: 5-12.
- RECLUS, E. (1995) Concerning the Awareness of Nature in Modern Society In: RECLUS, Elisée, **Man & Nature**. Petersham, Australia: Jura Books: 13-34.
- RECLUS, E. (2013) To My Brother the Peasant In: CLARK, John P. e MARTIN, Camille (Ed.) **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press: 113-119.
- RECLUS, E. (2013) The feeling for nature in modern society In: CLARK, John P. e MARTIN, Camille (Ed.) **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press: 103-112.
- RECLUS, E. (2013) The Extended Family In: CLARK, John P. e MARTIN, Camille (Ed.) **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press: 132-137
- RECLUS, E. (2013) Advice to My Anarchist Comrades In: CLARK, John P. e MARTIN, Camille (Ed.) **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press: 234-235
- RECLUS, E. (2013) Anarchy In: CLARK, John P. e MARTIN, Camille (Ed.) **Anarchy, Geography, Modernity: selected writings of Elisée Reclus**. Oakland, Canada: PM Press: 120-131
- RECLUS, E. **El Arroyo**. Glasgow, Scotland: Good Press, 2019.
- SEIBT, César L. Heidegger: da fenomenologia “reflexiva” à fenomenologia hermenêutica. **Princípios: revista de filosofia**, v. 19, n. 31, p. 79-98, 2012.